

# UMA TAXA CARA DEMAIS

Nahima Maciel

Da equipe do **Correio**

**A** Sala Villa-Lobos corre o risco de ficar no escuro durante boa parte do ano. Não pela falta de luz ou manutenção, mas por abandono dos próprios artistas. No início do ano, quando a Secretaria de Cultura publicou edital fixando a taxa mínima para ocupação da sala em 4 mil Ufirs (cerca de R\$ 4,2 mil) por dia, produtores da cidade começaram a protestar. O valor fixado só muda se 15% do total da bilheteria for superior à taxa mínima. Nesse caso, o aluguel acaba sendo os 15%. Acontece que, com um ingresso médio de R\$ 25,00 e sala lotada, o resultado ainda fica menor que a taxa mínima. Então, o preço acaba sendo mesmo as 4 mil Ufirs. Até 1999, o valor cobrado era de 50 vezes o preço do ingresso. A nova regulamentação assustou quem trabalha na produção de espetáculos. Na última semana, a taxa acabou causando os primeiros estragos.

Durante o show *Na Pressão*, o cantor Lenine recebeu aplausos da platéia ao protestar contra o preço da sala. No final do espetáculo, avisou aos produtores que não se apresenta mais na Villa-Lobos. É muito cara. Em seguida foi a vez da Quasar Cia. de Dança. A companhia goiana cancelou uma das duas apresentações do espetáculo *Divi-*

*duo* e foi obrigada a aumentar o preço do ingresso de R\$ 20,00 para R\$ 30,00. Ao invés de ocupar a Villa-Lobos durante as duas noites do final de semana, a Quasar acabou subindo ao palco somente no domingo.

Como não chegou a lotar a sala — o público foi de apenas 500 pessoas —, a companhia voltou para casa com R\$ 282,00 de lucro, depois de pagar os R\$ 4,2 mil. “Não entendo, porque não é um teatro privado. Se o dinheiro fosse investido na sala, menos mal, mas tem muitos problemas. O som está velho, os camarins também e o elevador não funciona, chega a ser constrangedor pagar R\$ 4 mil”, lamenta Henrique Rodovalho, coreógrafo da companhia.

A peça *Da boca pra fora*, em cartaz hoje na Villa-Lobos, também quase ficou de fora da agenda teatral da cidade. Uma das apresentações foi cancelada e os quatro dias planejados pelo produtor Guilherme Abrahão viraram três. “Esse preço é um absurdo, uma coisa sem referência, sem histórico no país inteiro”, ataca Guilherme. Ele afirma que só manteve as apresentações no Teatro Nacional porque a equipe vinha de Goiânia e preferiu não ter lucro a ficar parada e levar prejuízo. “Nem lotando a sala, a gente empata”, garante. Para não levar prejuízo, os produtores deveriam aumentar o preço do ingresso para R\$ 60,00.

A Villa-Lobos, que tem capacidade para 1.307 pessoas, está entre as salas mais caras do país. Em Salvador, por exemplo, o Teatro Castro Alves, com 1.537 poltronas, cobra taxa mínima de 15% da lotação para o aluguel da sala. O Palácio das Artes em Belo Horizonte fixou o preço em R\$ 2.450 e o Guaíra, de Curitiba, que pode receber público de 2.173, tem taxa de R\$ 1.235.

Na última quinta-feira, a produtora carioca Casa da Gávea, responsável por grande parte dos espetáculos vindos do Rio de Janeiro, mandou *e-mail* para produtores e artistas do Brasil inteiro com a advertência: cuidado com a Villa-Lobos. “Nem com a sala lotada é possível pagar mínimo de R\$ 4.256,75. Essa é a realidade que muitas produções estão vivendo”, avisa a instituição.

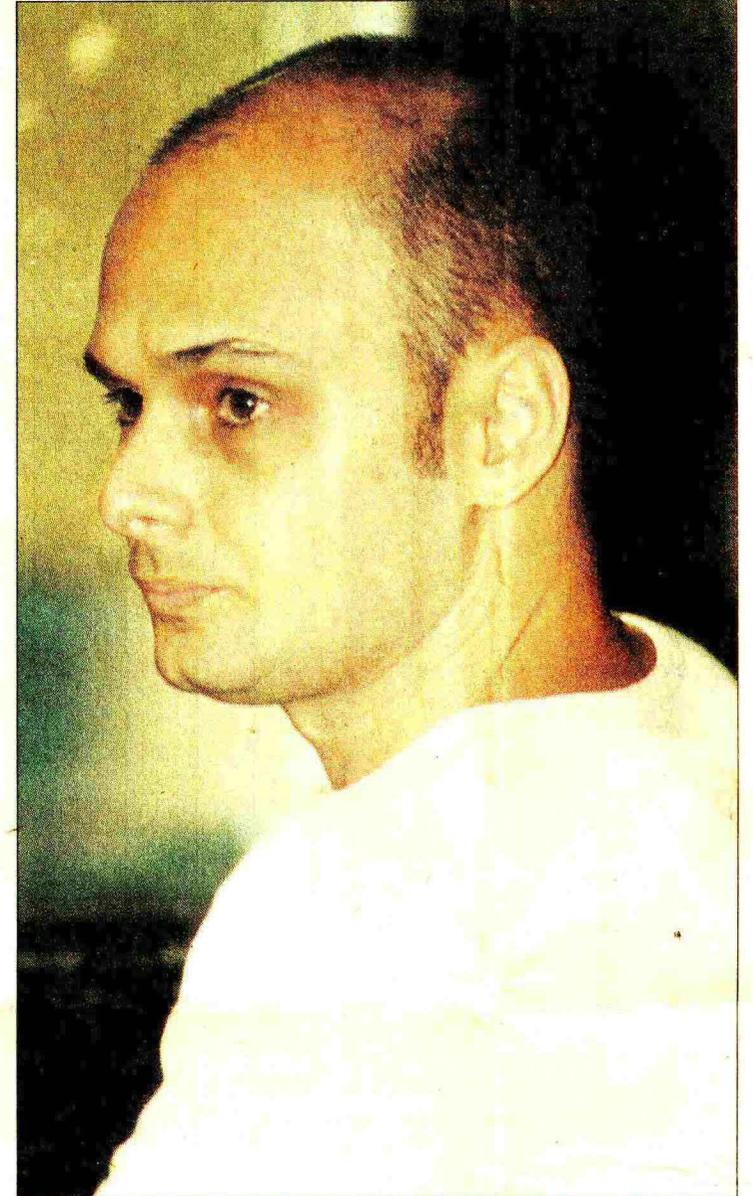
No mês passado, Plínio Mosca, presidente do Conselho de Cultura do Distrito Federal, organizou reunião com 25 produtores de Brasília para ouvir queixas e buscar soluções. O resultado está em documento de oito páginas que será entregue no próximo dia 18 à secretária de cultura, Maria Luiza Dornas. Entre outras reclamações, o documento lembra a forma como foi conduzida a reunião da comissão de pauta que decidiu a agenda das salas Villa-Lobos e Martins Penna para o ano de 2000. Além de reivindicar solução para

o preço da taxa mínima do aluguel da Villa-Lobos, os produtores reclamam por não terem participado da reunião da comissão, ao contrário do que acontecia em administrações passadas. “Isso é um processo de elitização do Teatro Nacional”, acredita James Fensterseifer, produtor do Jogo de Cena.

A Secretaria de Cultura justifica os R\$ 4 mil lembrando os custos de manutenção da Villa-Lobos. Repor as luzes importadas, manter o palco bem cuidado e cadeiras sempre limpas, custa caro. “Cada vez que preparamos a sala para um espetáculo, gastamos R\$ 11 mil, porque tem as mesas de luz, que gastam muita eletricidade, os projetores, que são importados, e a preparação da bilheteria”, garante Asta Rose Alcaide, diretora artística do Teatro Nacional. Ela admite problemas como caixas de som antigas e luzes queimadas na platéia.

Para Plínio Mosca, o preço do aluguel da sala de espetáculos mais cobiçada de Brasília revela desvalorização do produto artístico brasileiro. A taxa, para ele, é também uma forma de deixar fora da programação os artistas da capital. “Acho compreensível que seja caro, mas deveria ser feita uma valorização da prata da casa, porque há uma seleção natural dos grupos de teatro e dança aqui, e os que estão usando a sala já demonstraram competência”, avalia.

André Corrêa 9.2.2000



Henrique Rodovalho, do Quasar, pagou R\$ 4,2 mil e lucrou R\$ 282,00